

Reseña

Cuestiones de Filosofía
ISSN: 0123-50-95
E- ISSN: 2389-9441
Vol. 3 – Nº 20
Enero – junio, año 2017
Pág.: 144 - 147

PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014. 223 p.

André Campos de Camargo
Mestre em História e Filosofia da Educação UNICAMP
São Paulo, Brasil E-mail: camargo.andre.campos@gmail.com
Luccas Eduardo Castilho Maldonado
Graduado em História USP
São Paulo, Brasil E-mail: luccas_eduardo@hotmail.com

Lord what you're doing to me
I have to spend all my years in believing you
But I just can't get no relief Lord
Somebody (somebody) ooh somebody (somebody)
Can anybody find me somebody to love?
Somebody To Love – Queen.

Diante dos anjos, qual homem atreve-se a não cumprir os mandamentos do senhor? O arco-íris ainda está no céu para lembrar o dilúvio. Para aqueles nada serviu de alerta, nem a presença de um justo e nem a de dois anjos. Os ranços corriam em suas peles, desejavam as suas vontades a qualquer custo, recusaram as filhas, tombaram a porta e se prepararam para atacar os forasteiros. Por isso, os varões foram punidos, primeiramente com a cegueira, posteriormente com o “chover de enxofre e fogo, do Senhor, desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra” (Genesis 19, p. 18-19).

A Bíblia é, inquestionavelmente, um dos livros mais lidos, publicados e divulgados na história da humanidade. Seus limites não se restringem às línguas ou às fronteiras, não importa em que país esteja, provavelmente haverá uma versão local. Todavia, ser muito lido ou detentor de certa beleza – inegável o refino dos Cantares de Salomão, da estória de Jesus e da redenção de José – não é garantia de transcendência e de acriticidade. Na verdade, muito pelo contrário.

A grande problemática bíblica, para hoje e para mais de um milênio de história humana, é a maneira como tal obra literária foi tomada e interpretada por diversos grupos: como código absoluto de moral.

Todo escrito está submetido ao peso-tempo de estruturas, portanto, suas linhas carregam em si os valores de uma época. No caso dos redatores da Bíblia, os hebreus antigos e os evangelistas (selecionados) do cristianismo primitivo, havia toda uma expressão valorativa dogmática e intolerante, de diversas civilizações da areia, para a preservação de seus costumes e o danar de seus opositores.

A questão que incomoda é como certas descrições presentes na Bíblia continuam a ser utilizadas, muitas vezes, de maneira próxima ao seu sentido original, como discurso desqualificativo do diferente e não como fontes documentais e obras de arte como são.

O recém-lançado no Brasil, *Manifiesto Contrassexual* (2014), de Beatriz Preciado, é uma publicação crítica, que afirma a resistência e a diferença, a esses e outros discursos excludentes. Além disso, procura atingir a densidade provocativa de sua principal inspiração: *O Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels. Os autores alemães, em uma passagem bastante conhecida, afirmaram: “Tudo que era sólido e estável evapora-se no ar, tudo o que era sagrado é profanado” (1987, p. 106). Tal frase assemelha-se ao sentido da reflexão de Preciado. Deseja esfacelar, lançar ao desuso e ao esquecimento as antigas configurações do corpo, para, em seu lugar, apresentar novas maneiras de vivenciá-lo.

A obra compõe-se de quatro capítulos: *Contrassexualidade; Práticas de inversão contrassexual; Teorias e Exercício de leitura contrassexual*. Todos engatilhados por um objetivo: desnaturalizar as noções tradicionais de sexo e de gênero. Para isso, para fundamentá-los, Preciado apropria-se de pressupostos da chamada tradição reflexiva pós-estruturalista, com Michael Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Felix Guattari, e do pensamento feminista norte-americano, com Donna Haraway, Monique Wittig e, principalmente, Judith Butler.

Logo no primeiro capítulo, *Contrassexualidade* (p. 17-48), explicita a sua influência bluteriana. Isso ocorre em uma provocação de duas vias: o primeiro, como ataque; o segundo, como aprofundamento.

Inicialmente, dirige-se, assim como Butler fez, aos modelos pautados na natureza e na biologia, defensores de um formato determinista naturalista e cromossômico. A

segunda, volta-se novamente ao pensamento da autora estadunidense, porém agora buscando o diálogo. Afirma a exaustão de algumas posturas conceptivas, focadas exaustivamente nas práticas discursivas e culturais, ao mesmo tempo em que defende a necessidade de aprofundamentos. Provocação incitada e iniciada por Preciado, a partir do conceito de performatividade, da própria Butler, acrescido da importância material do corpo e das tecnologias do cotidiano – capazes de assumir organicamente o gênero e a sexualidade.

No segundo capítulo, *Práticas de inversão contrassexual* (p. 49-70), as descrições tornam-se mais concretas. Momentaneamente, afasta-se do campo conceitual e parte para apresentações práticas e experienciais, supostamente, capazes de forjar novos usos do corpo.

A proposta é diluir os antigos referenciais da sexualidade e do gênero, centralizados em duas grandes dicotomias: hetero/homossexual e homem/mulher. A crítica direcionada a questão sexual estabelece-se sobre a sua centralidade, fundada em órgãos específicos. Não com este ou aquele polo de prazer – que são historicamente moldados –, porém, com qualquer parte do corpo ou qualquer coisa desejada.

A posição sobre o gênero é um desdobramento do afirmado com a sexualidade. A partir da não existência de núcleos definidos e definidores de prazer, não se há a identificação do masculino e do feminino. Havendo, em seu lugar, apenas corpos de desejo diante de outros corpos desejantes, que afirmam e realizam as suas vontades a partir de “contratos” específicos.

Preciado nasceu na Espanha e possui formação em Filosofia. Sua trajetória, de nenhuma maneira, expressa-se pela reclusão nas fronteiras geográficas e intelectuais da *Jangada de Pedra*. Ao longo de sua vida, realizou estudos nos Estados Unidos da América (EUA) e na França – no segundo, a convite do próprio Derrida. Tal possibilidade de travessias reflete-se na sua obra, domina um referencial amplo e conceitualmente denso.

O terceiro capítulo do livro, *Teorias* (p. 71-168), é no qual tal *background* torna-se mais expressivo. Nele demarca a sua formação filosófica, através da apresentação e da articulação dos conceitos fundamentais de seu projeto. Assim sendo, trata-se da parte mais importante da obra, por ser o núcleo duro, o sistema filosófico, amalgamador das análises de Preciado. A teia analítica apresentada articula inúmeros pensadores, contudo possui quatro linhas centrais, baseadas nas reflexões de: Derrida, Butler, Foucault e Haraway. Utilizados a partir de conceitos cuidadosamente pinçados.

A articulação desses referenciais procura evidenciar a sexualidade como o resultado de uma tecnologia biopolítica, nascida no final do século XVIII. A política de Estado agiu, a partir de então, sobre as vidas humanas, regulando e controlando as noções de uso dos corpos. Assim sendo, constituir-se-iam os saberes operantes do que era natural, normal e moral.

Outro resultado importante desse rizoma conceitual, agenciado por Butler, é a perspectiva que, aquilo denominado como sujeito ou subjetividade, não existe fora da história, da linguagem, da cultura, da interação com as máquinas e das relações de poder. Logo, a imagem cartesiana, de um sujeito idêntico ao seu próprio pensamento, senhor de uma natural racionalidade, é uma invenção política. Entretanto, isso não o torna um ser totalmente passível e manipulável. Sendo possível pensar, resignificar e agir para resistir às normatizações e criar outros possíveis.

Exercício de leitura contrassexual (p. 173-196), o quarto capítulo, apresenta-se como o fechar da obra. Nele, Preciado articula a noção de homossexualidade molecular, de Deleuze e de Guattari, com o de devir mulher, uma vez que, para os autores franceses, é possível pensar, escrever e vivenciar transversalmente, certos fenômenos, sem passar pela experiência real. O conceito de transversalidade pode ser lido como uma forma de potencializar outras perspectivas e vivenciá-las. Trata-se de um princípio contestatório e redefinidor de papéis, pois enquanto os indivíduos preservam-se centrados em si, só podem ver eles mesmos.

O *Manifesto Contrassexual* é uma obra complexa, além de reunir importantes perspectivas, capazes de contribuir para o debate em diversas frentes (principalmente no feminista, no de gênero e no *queer*), lança uma crítica ao sistema heterocentrado das velhas formas de pensar e de experienciar o corpo – sejam eles, políticos, filosóficos, religiosos e científicos.

Publicado no Brasil quase uma década e meia após a sua primeira edição, chega ao país em um momento propício. Em uma realidade carente de políticas públicas e com altíssimos índices de intolerância, o livro poderá contribuir para a construção de subjetividades mais críticas, resistentes e abertas às diferenças. O arco-íris ainda está no céu, não como lembrança do extermínio dos impuros e dos diferentes, mas agora resignificado como um símbolo de resistência.